

# O PADRE JOGADOR

Leonardo Gomes de Barros, 1286

Havia em minha cidade  
Um padre velho bahiano  
Em materia de trapáça,  
Embrulhava rato e cigano  
Era fingido e cauhira  
O padre José Rumano.

Gordo como uma porca,  
Nunca vi tão preguiçoso  
pedia tudo que via,  
E era bem maneiroso  
Apiruando um joguinho  
Não havia mais cabuloso.

O seu fraco era jogar  
Todo jogo elle jogava  
E rara era a partida  
Em que ele não roubava  
Banca de bom trapaceiro  
Padre Zé tudo embrulhava.

Na missa elle dizia:  
Diabo leve o jogador  
Que jogando sete e meio  
Com um ministro do Senhor  
E trocar carta na certa  
Seja ella a qual for.

Irmãos—seja maldito  
quem do vigario ganhar  
E' um peccado muito grave  
O pobre padre roubar  
Maldito é o jogador  
Que na banca me enganar.

O padre comia muito  
fumava mesmo sem conta  
Tomava tanta cachaça  
Vivia de cabeça tonta  
Para dizer desaforo  
Tinha sempre a lingua prompta.

O padre José Rumano  
Tambem era um piratão  
Toda mulher bonita  
Namorava o gavião  
Dizia a toda velhota  
Estás no meu coração.

Chegou na villa um turco  
Com uma gringa bem casado  
O padre vendo a galega  
Ficou logo enamorado  
E disse é na prestação  
Que nessa fico enrolado.

A noite tocou p'ra casa  
Do turco da prestação  
O turco não estava em casa

O padre disse é pedação  
A sorte já me acompanha  
Isso é bom meu coração.

Entrou na casa do turco  
Para o banheito marchou  
Quando agarrou a gringa  
Ahi o turco chegou  
Com os gritos da galega  
Uma pistola puxou.

Era uma pistola velha  
Catolé muito quebrava,  
Ferrugem tinha a valer.  
E mesmo não disparava,  
O turco vizou o padre  
Para vêr se lhe matava.

O padre num guarda roupa  
De um pulo se soccou  
O turco disse—Miseravel!  
O meu lar você manchou  
Encomende sua alma  
Se o diabo já não levou.

Padre Zé, bicho sagaz  
Viu o turco de pistola  
Lembrou-se da prestação  
O padre era cabra escola  
Gritou de dentro do armario  
Pare isso por esmola.

Dou duzentos mil reis  
Em desoito prestação  
Compro a sua pistola  
Que você tem ahi na mão,  
Dou quinze mil reis de entrada  
P'ra você é um negócio.

O turco disse: Infame!  
Eu ia lhe assassinar  
Mas o negocio da pistola  
Eu não posso engeitar  
Dou por tresentos mil reis  
Com cem você vae entrar,

O padre disse tá feito  
Tome lá o seu dinheiro  
Dê-me essa pistola  
Seja meu companheiro  
Assim fecharam o negocio  
Alli mesmo no banheiro

O padre então retirou-se  
Com Abidula abraçado  
O padre elogiou o turco  
Peló negocio alcançado  
O turco disse seu padre  
O senhor é um damnado.

Quando sahia dalli  
O padre foi experimentar  
A pistola do galego

E nada de disparar  
faltavam desoito peças  
Uma estava a enferrujar

O padre disse: hoje  
Nessa encrenca me encontrei,  
Mas o praser que tenho  
foi o turco que embrulhei  
Mas na casa desse diabo  
Eu nunca mais voltarei.

E com força a pistola  
Elle no rio jogou  
A pistola bateu nagua  
Deu um tiro disparou  
Ainda hoje procuram  
As peças que espalhou.

Quando chegou na villa  
O padre foi se hospedar  
E por duzentos mil reis  
poude a boia contratar  
com o dono do hotel  
Só pra lhe alimentar

O padre Zezinho lhe disse  
Cem mil reis lhe pagarei  
Por mez de gratificação  
Pois pago bem eu já sei  
Quero boia boa e selecta  
Prá ver se engordarei.

O hoteleiro pensou  
Esse padre é um achado  
Paga bem e é bondoso  
Agora estou melhorado  
Esse padre tem dinheiro  
E parece acavallado.

A noite o padre pediu  
Uns biscoitos com café  
Um pouquinho de sardinha  
Um prato de sarapaté  
Uns dois brotes bem torrados  
Um copo de capilé.

No almoço do outro dia  
Padre Zé foi almoçar  
Comeu guisado de bode  
Rosbife, lombo, mangunzá  
Um resto de cabidella  
Que estava a esquentar.

Farofa, arroz, carne assada  
Dois litros de camarão  
Uma tigella de picado  
dese fatias de pão  
Duas rapaduras batidas  
E uma banda de mamão.

Um prato de mel de engenho  
Seis laranjas da Bahia  
Doce de côco, xouriço,

Por cima ainda bebia  
Aguardente Santo Amaro  
E nada lhe satisfazia.

Ainda tomou um caldo  
Que um doente engeitou  
Milho assado e pamonha  
Quasi vinte elle papou  
Pediu um pouco de angú  
Disseram—já se acabou.

O padre dahi damnou-se  
O hotel abandonou  
Nem a despesa do almoço  
Elle siquer pagou  
Para casa do vigario  
Elle os terem passou.

Vou descrever ao leitor  
O que vi na arrumação  
Da mala do padre Zéca  
Numa bôa ocasião  
Decorei tudo que tirha  
Naquelle velho surrão.

Enfiador de sapato  
Vela de sêbo, extracto,  
Tabella de jogo de bicho,  
Tamanco, roupa, sapato,  
Chapéus, dois travesseiros  
Um kilo de herva de rato

Dinheiro, caneco de flandre,  
Rosario, missal, baralho,  
Dados, copos de louça  
Correntes, anzol, chucalho  
Prego, parafuso, porca,  
Púa, lima, e um malho.

Outros objectos miudos  
Que não posso enumerar,  
Um pacote de patacas  
Que ninguem podia contar  
Os objectos de ouro  
Ninguem poudé avaliar.

Um cigano certo dia  
Poude ao padre vender  
Um burro velho cansado  
Já bem perto de morrer  
E cem mil reis em dinheiro  
Inda poude receber

Disse o Cigano adiante  
Esse vigario é um lezeira  
Por cem mil reis indagora  
Fiz uma bôa ladroeira  
Um sujeito vendo isso  
Foi avisar na carreira.

Seu padre aquelle cigano,  
é arruaceiro e ladrão  
Vendeu ao senhor seu padre

Um burro velho alasão,  
Esse damnado é tão velho  
Não vale nem um tostão.

O padre disse: Meu filho  
O cigano foi enganado  
O dinheiro que paguei  
Era todo falsificado  
Elle e quem está na certa  
Com o sub-delegado.

Inda mais no tal negocio  
Muito até hoje lucrei  
Do bolso do amolestado  
Cincoenta mil reis tirei  
E depois um lenço velho  
Por um novo eu troquei.

Dá bruaca do danado  
Café, farinha eu tirei  
Dei almoço ao excomungado  
Mais o juro descontei  
Até um chifre de torrado  
Da bruaca eu roubei.

Joguei uma partidinha  
Dose mil reis ganhei,  
Elle venceu uma vês  
Mais essa eu não paguei  
E o burro, a um senhor de engenho  
Por seissentos, empurrei.

O sujeito comprou o burro  
e perguntou: tem defeito?  
Eu disse-lhe: não, é de raça  
Nunca carregou em eito,  
De saúde é formidável  
Repare como é largo o peito.

No outro dia o damnado,  
Veio com o burro marchando  
Dizendo: Padre o seu burro  
Decerto tá me enganando  
Eu lhe disse; qual o defeito  
Que o senhor está achando?

Elle disse: o burro é cego  
Nada adiante elle ver  
É troteiro e vagaroso  
Nunca soube o que é correr  
Desconfio que esse diabo  
Pode até apodrecer.

O padre disse: essa cegueira  
É uma infelicidade  
Não é defeito na vista  
É uma fatalidade  
O senhor bem sabe disto  
E isso não é maldade.

O sujeito disse então  
Padre Zé vamos jogar  
Quem perder essa partida

Não tem p'ra quem apelar  
Perde o dinheiro todo  
O burro e os cassuá.

Começou o jogo de cartas  
Embrulhei o estradeiro  
Troquei cartas, dei um naipe,  
Arrecadei o dinheiro,  
Ganhei o burro e a sella  
E outro animal faceiro.

Veja que o cigano  
É quem se sahiu furado  
Sem o burro e com dinheiro  
Todo falsificado  
Quando chegar na villa  
Será bem trancafiado.

O sujeito do recado  
Ficou besta e emburrado  
E disse consigo mesmo  
Esse padre é um damnado  
Vou me embora senão hoje  
Termino sendo roubado.

Quando chegou em casa  
Foi que verificou  
O cachimbo e a gravata  
Com o padre Zé ficou  
Dois cruzados de patacas  
Elle não mais achou.

Um sujeito bem dengoso  
Padre Zé foi tapiar  
Com um jogo de seis dedos  
Foi o padre embrulhar  
Um, tres ou cinco,  
Chama-se numero impar.

Dois, quatro e seis  
E zero é numero par  
Padre quando eu disser  
Todos seis em seu lugar  
Levante o numero de dedos  
Para depois eu contar.

Cem mil réis é a partida  
Em que vamos iniciar  
Agora, levante o dedo  
O numero agora foi par  
O padre botou um zero  
E o jogo pode ganhar.

E assim a noite toda  
O padre só era par,  
Com zero em toda banca  
O outro pode alisar  
Depois disse ao jogador :  
Você é bom se criar.

Com sua sabedoria  
Você fica amalucado  
Estude duzentos annos

E fique mais bem treinado  
Só não volta sem ceroula  
Porque o jogo tá acabado.

Um vez num casamento  
Padre Zé foi celebrar  
A noiva com hydropisia  
Com um buxo de lascar  
O padre vendo o buxão  
O noivo foi confessar,

—O senhor se adiantou  
Antes do casamento?  
Amanhã vocês virão  
Para um batismo  
Volte e chame a parteira  
Não perca mais um momento

O noivo disse: Seu padre  
Aquillo é hydropisia  
Essa moça é donzella  
E era duma confraria  
Foi zeladora seis annos,  
Nunca foi na sacristia.

O padre disse: você  
Quer, é me atrapalhar  
Esse seu casamento!  
Você podia esperar  
Porque trazia o menino  
P'ra tambem eu batisar.

O noivo ficou vermelho  
Inchava que só papavento  
A noiva suando tudo  
Disia consigo dentro  
Estou morta de vergonha  
O meu noivo é um jumento.

O padre disse: Casados  
Vocês hoje vão ficar,  
Mais daqui a quatro dias  
Venham se confessar  
Quero saber da historia  
E o menino baptisar.

Depois desse casamento  
A noiva cahiu doente  
Tomou purgante de oleo  
E um lambedor bem quente  
Dois cristeis de herba doce  
Misturado com aguardente.

O buxo todo encolheu  
Mais a moça não durou  
Em tres dias de vomitos  
Seis urinós vomitou  
Lumbriga e casca de jaca  
Pela bocca ella botou.

Quando o padre soube disso  
Disse: isso eu sabia  
A moça era muito seria

Ao noivo eu bem que dizia  
Mais o povo falador  
E' que menino atribuia.

Não gosto de casamento  
E' festa que nunca vou  
O meu pae Juca Rumano  
Nunca elle se casou  
Minha mãe foi uma donzella  
Que de casa elle furtou.

O padre Zeca no jogo  
Até mesmo ao sacristão  
Que chamava para missa,  
Elle não dava attenção  
Dizia o padre— é aqui  
Que posso ganhar um milhão.

Emquanto havia dinheiro  
Elle não se levantava  
Tostão perdido na meza  
Elle escondido roubava  
Até dinheiro do pires  
Passava a mão e levava.

Os amigos lhe diziam:  
Sete e meio tá lhe matando,  
Mais o padre com presteza  
A todos ia affirmando  
Meu filho o que me acaba  
E' oito e nove, eu passando.

Certa vez dizendo missa  
O adoremus resando,  
Padre Zé disse p'ro coro:  
Agora quem está bancando?  
Tenho jogo, trapaceiros  
Dessa vez já vou ganhando.

O sacristão protestou  
Dizendo-lhe: Seu padre Zé  
O senhor dizendo missa,  
Já falou em capilé  
Lembre-se que hoje é dia  
Do milagroso S. Thomé.

O padre disse: nada filho  
E' porque hoje um damnado  
Num joguinho de manhã  
Lesou-me mesmo um bocado  
Só não perdi a batina  
Porque também sou tarado.

Jogava com cada olho  
Parecia um jaboti  
Trocou quatro por um sete  
E eu nem o roubo vi  
Só no fim, quando alisei  
E' que a cousa percebi.

Eu fiz uma ladroeira  
O amolestado deu fé  
Aquillo só sendo o diabo

Faça ideia quem elle é  
Jogando com cinco sete  
Roubou o bom padre Zé.

Esse filho de satanaz  
Me roubou danadamente  
Eu estava bem caipora  
E ainda mais com aguardente  
O diabo se aproveitou  
Dizendo ser meu parente.

Eu já estou ficando velho  
E nada pude juntar,  
O povo da freguezia  
Só querem o padre roubar  
Confesso todo ladrão  
E nenhum vem me ajudar.

Outro dia um desgraçado  
Um Perú elle roubou  
Na confissão elle disse  
E bom padre perduou  
Pensando que o Perú  
Fosse de algum doutor

Quando vi que era o meu  
Ds raiva quasi chorei  
Tambem nesse dia, no jogo  
Até um copo robei  
Um paliteiro, dois lenços  
Eu de lá surrupiei

Outro dia um escomungado  
Um tal de seu Jozué  
Num jogo que tomei parte  
Parecia um jacaré,  
Troquei a carta de cima  
E o condenado deu fé.

Esse sujeito safado  
Ouvi numa confissão  
Descobri que elle era  
Assassino e ladrão  
Tinha roubado na cidade  
Até o meu sacristão.

Disse a elle—peccador  
Maldito será teu fim  
Me dê parte desse roubo  
A culpa passa p'ra mim  
Elle não deu, e a policia  
Contei tim-tim por tim-tim.

Doutra vez um semvergonha  
Retirante do serlão  
Correu toda freguezia  
Fazendo especulação  
Para dizer uma missa  
E ouvir elle, em confissão.

A missa rezei depressa  
Para depois lhe confessar  
Depois do serviço feito

O diabo não quiz pagar  
Dei-lhe um murro no focinho  
E iz o diabo se ajoelhar.

Depois com toda força  
Segurei o rabugento,  
Tomei-lhe o palitot  
E dose mil e quinhento  
E gritei—dane-se danado  
Amolestado, feridento.

Eu estava um pouco ruim  
Um tanto ou quanto bicado,  
Quando chegou um sujeito  
Todo enfatiotado  
Para jogar uma partida  
Num jogo de sete dados.

No principio ganhei muito  
Depois me inquizilei  
Perdi tres mil reis assim  
E com elle me danei  
Perdi mais dose mil reis  
E dahi me encaiporei.

Nesse jogo de bozó  
Eu já tava era danado  
O sujeito tudo ganhava  
Eu já estava encabulado  
Foi quando verifiquei  
Que um dado não era quadrado.

Tinha soment cinco  
Em tres lados que contrei  
Mas na canna em que estava,  
Eu nem isso reparei.  
Quando vi a ladroeira  
Dahi foi que atinei.

Peguei esse condenado  
Desmanchei-lhe a trouxinha  
Tomei-lhe todo o dinheiro  
E uma cuia de farinha  
Amassei-lhe o pau da venta  
E puxei-lhe a carrapinha.

O tal do jogo de bicho  
Pelo diabo veiu mandado  
Quando vi toda vantagem  
Pensei estou melhorado  
Fui a elle e em centenas  
Quasi fico desgraçado.

Joguei nos bichos da roda  
Para ver se acertava  
A tarde fui receber  
Disseram que não pagava  
O jogo era a dinheiro  
A sorte não se fiava

No dia em que deu elephante  
Tres mil reis nelle joguei  
O bicheiro um estradeiro,

se—esqueci não botei  
isso quasi endoideço  
nunca mais joguei.

Meu compadre Zé Martinho  
Que o diabo já levou  
Num joguinho de azar  
Dose vezes me lezou  
Até o dinheiro das almas  
O danado carregou.

Eu me viguei do diabo  
A mulher delle tomei  
Vivi com elle seis annos,  
E depois ella cazei  
Até o véu e a capella  
Com meu dinheiro comprei.

O padre José Rumano  
Era sagaz, bicho fino  
P'ra resolver um questão  
Só elle é quem tinha tino  
Todo negocio encrencado  
O padre é quem dava ensino.

P'ra passar dinheiro falso  
Só elle sabia passar  
Com a cara limpa ia  
A nota falsa trocar  
Até cigano do Egipto  
O padre pode enganar.

P'ra trocar tambem galinha  
Ninguem era mais sagaz  
Me lembro duma trecada,  
Que elle fez com um rapaz  
De duas gallinhas de raça  
E um gallo de Goyaz.

O rapaz deu-lhe as gallinhas  
Para receber um perú ;  
O negocio era no escuro  
O padre deu-lhe um urubú  
Só de manhã é que o rapaz  
Viu a coisa a olho nú.

Voltou e disse— Seu padre  
O senhor me enganou  
O padre disse— Velhaco  
Que foi que você trocou?  
O rapaz disse— Uma gallinha  
Um gallo por um perú.

O padre disse com raiva:  
O negocio foi fechado  
Essa reclamação,  
E' de sujeito safado  
Só hoje é que voce vem  
Com essa cara descarado?

Negocio não volta atraz  
Ao diabo vá se queixar  
Você com esse cinismo